

PSICOLOGIA ESCOLAR NO BRASIL: PASSADO, PRESENTE E FUTURO*

Thomas Oakland
Universidade do Texas, Austin, EUA

RESUMO - Neste estudo são apresentadas as tendências históricas que auxiliaram a estabelecer a psicologia brasileira e, notadamente, a psicologia escolar. O progresso notável, durante os últimos 25 anos, capacitou a psicologia no Brasil a alcançar o terceiro dentre cinco níveis de desenvolvimento. A situação atual da psicologia escolar no Brasil é comparada com a de outras nações. São sugeridos possíveis caminhos para a continuação do desenvolvimento da psicobgia escolar brasileira.

SCHOOL PSYCHOLOGY IN BRAZIL

ABSTRACT - Historical trends in psychology and school psychology are traced which helped establish Brazilian psychology, including school psychology. Its remarkable progress during the past 25 years has enabled psychology to reach the third of five levels of development. The status of school psychology is compared to that of other nations. Possible avenues for the continued development of school psychology are suggested.

Os psicólogos geralmente remontam suas origens científicas à fundação do Laboratório de Wundt em 1879 em Leipzig, Alemanha. Enquanto os europeus ocidentais muito contribuíram para o desenvolvimento inicial da psicologia, os psicólogos dos Estados Unidos também começaram a fazer contribuições importantes para a teoria, ciência e a prática da psicologia. As origens da psicologia nos EUA, freqüentemente, são relacionads à fundação do Laboratório de Lightner Witmer, na Universidade da Pensilvânia. Witmer se denominava psicólogo escolar. Outros psicólogos pioneiros nos EUA, interessados nas aplicações da psicologia para alunos e escolas foram: James Cattell, Arnold Gesell, Lewis Terman e E. L. Thorndike.

As origens da psicologia, incluindo-se a psicobgia escolar, emergiram da Europa Ocidental e dos EUA - áreas geográficas relativamente homogêneas com respeito ao desenvolvimento econômico, filosofias sociais, valores religiosos e culturais. As-

* Este manuscrito foi preparado enquanto o autor estava como bolsista da Fulbright no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Ele agradece a Dra. Solange Wechsler pela sua assistência inestimável no preparo deste manuscrito.

** Endereço: Department of Educational Psychology, EDB-504, University of Texas at Austin, Austin, Texas, 78712, EUA.

sim, o crescimento da psicologia foi largamente influenciado pelas contribuições de poucos países que tinham orientações culturais, econômicas e raciais muito semelhantes.

Os estágios através dos quais a psicologia científica, acadêmica e aplicada se desenvolveu em nações não-ocidentais tendem a ser diferentes e a ser fortemente influenciados pela forma de psicologia que emergiu destes desenvolvimentos iniciais. Mais ainda, a psicologia ocidental pode ser pouco aplicável para países que possuem diferenças significativas da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, em virtude de condições econômicas, sociais e culturais. Azuma (1984) sugere que a psicologia acadêmica, em países que divergem significativamente da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, necessita passar por cinco estágios antes de chegar à maturidade: (1) estágio pioneiro, no qual se compreende a relevância da psicologia; (2) estágio introdutório, no qual a psicologia é aceita como uma importante disciplina de estudo; (3) estágio de tradução e modelagem, no qual se fazem tentativas para aplicar conceitos e tecnologia ocidentais; (4) estágio nacionalista, no qual são desenvolvidos novos conceitos e tecnologias apropriados para a cultura; e (5) estágio de interação, no qual a psicologia se beneficia de influências da psicologia ocidental, juntamente com suas próprias orientações. O estado atual da psicologia no Brasil pode ser examinado à luz destes cinco estágios.

Desenvolvimento da Psicologia no Brasil

A emergência do estado pioneiro da psicologia no Brasil pode ser definido pelo reconhecimento, através do Governo Federal, da disciplina de Psicologia em 1962 e pela legislação subsequente, que criou um programa de cinco anos para a obtenção do diploma de psicólogo. Em 1963, a Lei nº 4.119 definiu o currículo para a graduação do psicólogo e o Governo Federal, em 1968, legislou sobre a criação de departamentos de psicologia na área de ciências humanas, nas universidades federais. Dentro de três anos já existiam 28 departamentos e hoje seu número excede a 100 nas universidades públicas e particulares (Biaggio & Grinder, no prelo).

Embora exista pouca informação sobre a preparação profissional dos professores universitários e os seus currículos, pode-se concluir que a maioria dos professores com o grau de doutor receberam sua preparação na Europa Ocidental ou nos Estados Unidos. Por exemplo, entre 31 professores do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília que têm o grau de doutor, 12 receberam seu título de universidades da Europa Ocidental, 14 dos Estados Unidos e 5 do próprio Brasil. Além disto, o currículo de psicologia apóia-se fortemente em teorias, conceitos, pesquisas e tecnologias desenvolvidas por psicólogos ocidentais. Alunos dos cursos de graduação e pós-graduação utilizam muitos livros-texto escritos em inglês ou traduzidos para o português. Nas melhores universidades do país é esperado que os estudantes de psicologia dominem a língua inglesa.

Deste modo, a psicologia brasileira experimentou um desenvolvimento notável no último quarto de século. Com relação aos cinco estágios propostos por Azuma, pode-se facilmente concluir que o desenvolvimento da psicologia brasileira encontra-

se no mínimo no estágio de tradução e modelagem, no qual a relevância dos conceitos e da psicologia ocidental estão sendo examinados e aplicados. Além disto, há sinais claros de que a psicologia brasileira entrou no estágio quatro, o estágio nacionalista, no qual novos conceitos e tecnologias apropriados para a cultura brasileira estão sendo desenvolvidos.

Há no mínimo nove publicações brasileiras que destacam os textos de psicólogos brasileiros: *Revista de Psicologia*, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *Educação e Seleção*, *Cadernos de Pesquisa*, *Educação e Realidade*, *Tecnologia Educacional*, *Psicologia: Ciência e Profissão*.

Uma revisão recente da pesquisa brasileira em temas importantes para a psicologia escolar (Oakland & Wechsler, no prelo) identifica as tendências predominantes.

Existem várias revistas profissionais; no entanto, estas publicam em intervalos irregulares, não têm uma área claramente definida de especialização, muitas vezes são publicadas em conjunto com um departamento de psicologia, ou favorecem autores regionais ou locais.

O número de livros-texto de psicologia escritos por psicólogos brasileiros é de mais de 40, e continua a aumentar. Entretanto, um exame de seu conteúdo parece indicar que os psicólogos brasileiros continuam a se apoiar na psicologia ocidental, principalmente naquela dos EUA.

O exame das referências citadas em um destes livros-texto mais recentes (Biaggio, 1985) mostrou 436 referências. Destas, 86% foram publicadas nos EUA, 5% na França, 5% na Inglaterra e menos de 3% no Brasil. Enquanto o aumento no número de livros publicados no Brasil sugere um movimento em direção a um estágio nacionalista na psicologia, o apoio na literatura americana reflete elementos característicos do estágio de tradução e modelagem.

Deste modo, a base científica para a prática da psicologia escolar, aparentemente, repousa em contribuições dos Estados Unidos e, em menor extensão, na Europa Ocidental. A extensão na qual esta literatura é diretamente relevante para a prática da psicologia escolar no Brasil deve ser julgada, avaliando-se até que ponto o Brasil e Estados Unidos compartilham de características econômicas, sociais e culturais comparáveis. Quanto maior a diferença, tanto menos relevante a literatura pode ser. Os psicólogos escolares devem também avaliar as diferenças entre os sistemas educacionais dos dois países. Embora não seja possível encontrar estudos recentes comparando os sistemas educacionais americano e brasileiro, existem algumas evidências a respeito deste assunto.

Existem diferenças significativas com respeito a qualidades importantes que afetam a educação nos EUA e no Brasil. De um modo geral, os estudantes brasileiros têm um dia escolar mais curto, abandonam a escola mais cedo e tem uma probabilidade menor de chegar ao terceiro grau. Os professores brasileiros recebem uma educação acadêmica menor, salários mais baixos e têm maior número de alunos. O Brasil também gasta consideravelmente menos em educação. Estes dados sugerem que os dois sistemas educacionais são diferentes em pontos importantes e que a lite-

ratura oriunda dos EUA pode não ser diretamente aplicável na educação brasileira. Dadas estas diferenças, é imperativo que a psicologia escolar no Brasil se esforce para chegar ao estágio nacionalista de desenvolvimento, no qual novas teorias, conceitos e tecnologias são desenvolvidos e avaliados com respeito à sua relevância para a cultura brasileira, incluindo a cultura escolar.

A profissão de psicólogo escolar no Brasil

A psicologia é definida no Brasil como uma categoria geral, não sendo reconhecidas as especialidades (Lei Federal nº 5.343/64). Esta disposição da legislação brasileira é similar à legislação encontrada em outros países. As leis federais não regulamentam a expedição de certificados ou a qualificação de psicólogos *escolares* e não exigem que as escolas empreguem psicólogos. Em contraste com o Brasil, a maioria dos países têm leis regulando o título ou a prática do psicólogo (Saigh & Oakland, 1988).

Ainda que não seja possível obter dados sobre a psicologia escolar em todo o Brasil, podemos conseguir dados de algumas de suas maiores cidades. A partir desta informação podemos concluir que os psicólogos brasileiros que trabalham em áreas metropolitanas (Wechsler & Gomes, 1986; Van Kolck & Barros, 1985) proporcionam uma série de serviços para indivíduos, grupos e sistemas escolares: avaliação e diagnóstico de problemas psicológicos e educacionais, orientação vocacional, orientação para pais e professores e programas de prevenção e pesquisas. Estes serviços são mais encontrados nas áreas urbanas que nas rurais, no sul e no sudeste do Brasil, e mais nas escolas particulares do que nas públicas. A grande maioria dos psicólogos escolares (i.e., cerca de 90%) são do sexo feminino, com uma idade média de 35 anos e trabalham nas escolas por meio período.

Nove universidades brasileiras, reconhecidamente, oferecem o grau de mestre em psicologia escolar. Três oferecem doutorado em psicologia escolar ou educacional. Os psicólogos com mestrado raramente trabalham em escolas; ao invés disto, eles tipicamente dão aulas ou conduzem pesquisas nas universidades. Os psicólogos escolares que realmente trabalham em escolas geralmente fizeram um curso de graduação de 5 anos em psicologia e poucos fizeram estágio supervisionado em escolas.

A profissão de psicólogo escolar no Brasil depara-se com vários problemas significativos: sub-emprego, salários baixos, *status* e reconhecimento limitado, atribuições vagas, base de pesquisa limitada, literatura pobre, poucos testes e outras tecnologias, preparo acadêmico pouco relevante para as necessidades do serviço e preparação profissional limitada para os ambientes escolares.

A situação da psicologia escolar no Brasil pode ser examinada com relação a três padrões: como ela se compara (1) com tendências atuais de outras nações; (2) com padrões estabelecidos por países mais desenvolvidos; e (3) com seu potencial no Brasil. Cada um destes três aspectos é considerado a seguir.

Psicologia escolar no Brasil e em outras nações do mundo

Com relação a outras nações do terceiro mundo, a psicologia escolar está bem desenvolvida. Dentre as nações do terceiro mundo, bem menos que a metade já conseguiu estabelecer serviços psicológicos nas escolas (Oakland & Saigh, 1987, Saigh & Oakland, 1988). Literatura publicada existe em apenas 26 países e dados não publicados foram conseguidos em mais de 34. Podemos inferir que serviços psicológicos estão amplamente estabelecidos em menos da metade das nações do mundo (Oakland, em preparação). Os serviços psicológicos nas escolas geralmente existem naqueles países que possuem legislação governando o uso do título *psicólogo*, têm uma economia industrial forte, estão ligados geograficamente, lingüística e politicamente aos países de origem da psicologia (i.e., Alemanha, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos), têm condições culturais e sociais similares àquelas das nações ocidentais e estabeleceram departamentos de psicologia muitos anos atrás (Russell, 1984). Os serviços de psicologia escolar ainda não estão bem estabelecidos na União Soviética, China, Grécia, e na maioria dos países africanos, e o seu nível de desenvolvimento na Índia é precário. Na América do Sul, serviços de psicologia nas escolas virtualmente inexistem na Bolívia, Paraguai e Uruguai. O nível dos serviços de psicologia escolar no Brasil, de modo geral, são no mínimo de qualidade semelhante aos do Chile, Colômbia, Equador e Venezuela (Oakland & Wechsler, 1989).

Embora os psicólogos escolares em todo o mundo, tipicamente, tenham o diploma de professor e experiência de ensino, existem diferenças no preparo acadêmico de um país para outro e também no preparo profissional. Em alguns países (ex.: o Japão) os psicólogos escolares fazem um ou dois cursos de psicologia durante seu preparo como professores. Entretanto, os psicólogos escolares na maioria dos países possuem no mínimo um curso de graduação em psicologia acadêmica, tendo alguns o mestrado em psicologia, com especialização em psicologia escolar. É raro encontrar algum psicólogo com o grau de doutor que trabalhe na escola, fora dos Estados Unidos. O preparo típico de psicólogos escolares enfatiza suas habilidades para trabalhar sem supervisão e serem bons consumidores de literatura, sendo dada pouca ênfase ao desenvolvimento de suas habilidades de pesquisa. Assim, o Brasil está mais avançado que a maioria das nações do mundo, ainda que não esteja tão desenvolvido quanto alguns e, comparado com as nações sul-americanas, mostra-se mais avançado que algumas e equivalente a outras.

Psicologia escolar no Brasil e nos Estados Unidos

Os serviços de psicologia escolar nos Estados Unidos podem ser usados como um padrão, já que o seu nível de desenvolvimento é um dos mais altos do mundo. Nos EUA cada estado regulamenta a profissão de psicólogo que, como no Brasil, é licenciada genericamente. Aqueles que usam o título de *psicólogo* possuem um doutorado em psicologia. *Psicólogos escolares* têm pós-graduação em psicologia; aproximadamente um terço têm doutorado, e dois terços têm mestrado. Os psicólogos escolares são autorizados a trabalhar *apenas nas escolas* se eles têm apenas mestrado

e devem ser supervisionados por um outro psicólogo com doutorado, quando trabalham fora das escolas. Existem cerca de 160 programas de mestrado em psicologia escolar, que requerem um mínimo de 20 cursos de pós-graduação, um ano de estágio supervisionado nas escolas e uma tese. Os programas de doutorado em psicologia escolar são cerca de 50 e requerem um mínimo de 30 cursos de pós-graduação, um ano de estágio supervisionado em escolas e uma dissertação.

Enquanto os programas de mestrado enfatizam o preparo de psicólogos escolares como bons consumidores de literatura, os programas de doutorado esperam que os seus formandos contribuam para a literatura. Psicólogos escolares publicam quatro revistas específicas à sua especialidade e têm acesso a mais de 50 publicações de áreas relacionadas. Há duas associações profissionais, bem estabelecidas, representando seus interesses: Divisão de Psicologia Escolar da Associação Americana de Psicologia (APA) e a Associação Nacional de Psicólogos Escolares (NASP).

Dentre os psicólogos escolares, 60% são mulheres, sua idade média é cerca de 40 anos e estão empregadas em tempo integral (i.e., 35 horas por semana), trabalhando 44 semanas por ano. Seus serviços freqüentemente incluem: consultorias, prevenção, intervenções diretas (i.e., terapia) e indiretas (i.e., planejamento individual de currículo), desenvolvimento organizacional, desenvolvimento de programas, avaliações e pesquisas. Além disto, mais da metade do seu tempo é usado em avaliações diagnósticas com alunos encaminhados para serviço de educação especial. O Governo Federal exige psicólogos escolares para certos serviços relacionados com a escola (por exemplo: diagnóstico de crianças emocionalmente perturbadas e encaminhamentos para outros serviços).

Assim sendo, usando-se a situação do psicólogo escolar nos EUA como critério, o psicólogo escolar no Brasil é menos desenvolvido científica, acadêmica e profissionalmente.

O potencial da psicologia escolar no Brasil

A psicologia escolar no Brasil desenvolveu-se notavelmente durante a sua breve história de 25 anos. A legislação federal define o psicólogo e protege a sua prática e os psicólogos escolares saem graduados de mais de 100 departamentos de psicologia. Seus nove programas de mestrado e três de doutorado em psicologia escolar irão permitir o desenvolvimento acadêmico destes profissionais. Muitos estudantes são atraídos para o curso de psicologia e numerosos psicólogos escolares estão empregados no país, ainda que sejam na maioria mulheres e estejam, em sua maior parte, nos grandes centros urbanos. Os psicólogos brasileiros estão mantendo nove ou mais publicações profissionais, estão escrevendo e editando livros em português e estão usando testes e outras tecnologias em seu trabalho. A criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional no Distrito Federal, em dezembro de 1988, foi um marco memorável. Com relação aos cinco estágios de Azuma, pode-se julgar com segurança que a psicologia brasileira, incluindo a psicologia escolar, está além do estágio introdutório e bem dentro do estágio de tradução e modelagem no qual estão sendo feitas tentativas de aplicar conceitos, pesquisas e tecnologias ocidentais.

A movimentação através deste estágio, em direção ao estágio nacionalista, onde seriam desenvolvidos conceitos, teorias e tecnologias diretamente relevantes para o Brasil, requer um compromisso crescente com 4 áreas importantes: (1) promoção da psicologia como ciência; (2) organização da profissão de psicólogo escolar; (3) promoção de legislação federal, exigindo os serviços do psicólogo escolar; (4) formação de relações mais estreitas com colegas e pessoas que possam influenciar e controlar a educação. Cada uma destas quatro áreas será discutida a seguir.

Promoção da psicologia como ciência

Aqueles países nos quais a psicologia mostrou-se mais eficaz em detectar necessidades importantes, têm programas de pesquisa em psicologia bem estabelecidos. Esta generalização se mantém para outras áreas profissionais aplicadas, como medicina, agricultura e engenharia. Nestas áreas, assim como na psicologia, a pesquisa forma a base para a prática. Um comprometimento com um modelo de cientista-prático pelo psicólogo escolar e outras áreas de psicologia aplicada deverá reforçar, de modo significativo, tanto a ciência como a prática, mantendo um relacionamento recíproco entre a ciência e a prática. Os cientistas têm muito com que contribuir para os práticos e da mesma maneira os práticos têm muito com que contribuir para os cientistas.

Estas pesquisas devem ser dirigidas para assuntos importantes para a cultura brasileira e devem gerar novos conceitos, teorias e tecnologias. Sua disseminação por meio de conferências e publicações possibilitará aos autores escrever de forma mais científica e publicar livros que possuam conteúdo mais relevante para o Brasil, melhorando assim o preparo acadêmico de professores e estudantes de graduação e pós-graduação, como também do público em geral. Estas pesquisas também possibilitarão o desenvolvimento de outras ciências sociais, inclusive da educação.

Organização da psicologia escolar como profissão

Melhoria da psicologia escolar através da promoção do profissionalismo.

Seis atributos essenciais ao profissionalismo devem ser considerados como meios para promoção do desenvolvimento da psicologia escolar brasileira. Estes atributos incluem: (1) definição das atividades profissionais e áreas de responsabilidade; (2) promoção da auto-regulamentação através do estabelecimento de padrões profissionais; (3) favorecimento do preparo acadêmico e profissional dos programas de psicologia escolar; (4) fortalecimento de programas que melhorem o *status* e o reconhecimento social de seus membros; (5) promoção de prêmios e recompensas através da legislação; (6) promoção da prática em instituições educacionais (Oakland, 1986).

A fim de tornar reais estes itens, é necessário que haja uma associação de psicólogos escolares que seja forte e que se dedique à melhoria da psicologia escolar como ciência e como profissão. Mencionaremos, a seguir, algumas maneiras pelas quais uma associação deste tipo pode se dedicar às necessidades presentes e futuras de seus membros e clientes.

Definição das atividades e as responsabilidades do psicólogo escolar.

É necessário que haja um regulamento descrevendo claramente os seus propósitos e a amplitude de serviços dos psicólogos para os quais a associação se dedica. As fronteiras que definem a psicologia escolar devem ser bastante amplas, para evitar uma restrição da gama de serviços que o profissional pode oferecer. Ao delimitar suas fronteiras de modo mais aberto, os psicólogos escolares clamarão para si o direito de - e serão encorajados a - assumirem atividades e responsabilidades que podem ir um pouco além do que fazem atualmente, mas que ainda estão próximas da definição atual. Estas definições podem incluir um comprometimento com serviços dirigidos para indivíduos, grupos e organizações envolvendo educação regular e especial, avaliação psicológica e educacional, intervenção, ensino, aconselhamento, consultoria, desenvolvimento organizacional, administração e supervisão de serviços de psicólogos escolares e atendimento aos alunos, desenvolvimento e avaliação de programas, pesquisa e prevenção.

Promoção da psicologia escolar através do estabelecimento de padrões.

Espera-se que toda profissão tenha padrões publicados, que sirvam às necessidades dos profissionais, clientes, instituições e educadores, assim como corporações legais e financeiras. São necessários dois tipos de padrões: um referente à prestação de serviços e outro relativo ao preparo profissional. Os padrões que discutem a prestação de serviços devem debater itens como: competência e responsabilidade profissional, padrões morais e legais, sigilo, proteção e bem estar do consumidor, relacionamento profissional, avaliação psicológica e pesquisa. Os padrões que discutem o preparo profissional podem incluir: natureza de preparo acadêmico e profissional, duração e tipos de estágio, supervisão de graduandos e pós-graduandos, proporção docente/estudante, recursos bibliográficos, qualidade das teses e dissertações e acesso a cada nível (p. ex.: graduação, mestrado, especialização, doutorado).

Favorecimento dos programas de preparo profissional em psicologia escolar.

Atualmente muitos programas se baseiam no preparo acadêmico genérico, especialmente ao nível de graduação, tendo como base a prática e, de modo pouco realístico, esperam que os psicólogos se especializem, após completar sua graduação. A psicologia escolar, assim como acontece com outras profissões, será julgada a partir dos seus padrões mínimos aceitáveis, acadêmica e profissionalmente. O programa de psicologia escolar menos eficaz do Brasil define o nível de entrada para a profissão.

Em reconhecimento ao fato de que as universidades controlam o número e a qualidade dos neófitos que entram em uma profissão, a associação profissional deve trabalhar no sentido de assegurar que sejam oferecidos programas em número suficiente e de boa qualidade. Estes programas também devem ser subordinados a um modelo prático científico no qual o preparo acadêmico e profissional estejam equilibrados; proporcionar tempo suficiente, bem como outros recursos, para que os professores universitários possam assumir responsabilidades científicas, acadêmicas e profissionais relevantes; providenciar apoio financeiro adequado para os estudantes, afim de tornarem a profissão capaz de atrair e reter os mais capazes; possuir duração suficiente para assegurar que o fornecimento dos serviços psicológicos seja compatível com as fontes e os melhores esforços da profissão.

Fortalecimento do status e do reconhecimento social dos psicólogos escolares.

Prêmios e recompensas significativas podem também ser proporcionados diretamente pelas associações profissionais. Tradicionalmente, os profissionais têm priorizado a busca de qualidade e presteza de serviço ao avanço financeiro pessoal. A principal recompensa, buscada por muitos profissionais, é ser reconhecido pelos seus pares como tendo contribuído, de forma notável, para o progresso científico e prático da profissão. Uma associação profissional de psicólogos escolares pode homenagear seus membros e outras pessoas por contribuições notáveis para a ciência e a prática da psicologia escolar. A denominação destes prêmios pode ter, como homenagem, os nomes dos primeiros fundadores e benfeitores da psicologia escolar no Brasil.

Promoção de legislação federal exigindo os serviços de psicólogos escolares.

Psicólogos escolares brasileiros reclamam freqüentemente de baixos salários, sub-empregos e baixo *status*. Mais ainda, seus serviços são dispensáveis, porque não são exigidos por qualquer legislação. Hoje eles estão empregados ao bel-prazer das autoridades locais ou estaduais. Deste modo, eles enfrentam dois problemas intimamente relacionados: pouca autoridade na educação e pouca recompensa ou reconhecimento pela educação. Uma solução parcial para estes problemas pode estar na promoção de ações políticas eficazes pela organização profissional, ações estas que resultem em legislação federal, institucionalizando os serviços de psicólogos escolares, tanto na educação regular como na especial. Tal legislação poderia definir, apropriadamente, a autoridade e a legitimidade da psicologia na educação, estabelecendo padrões de remuneração compatíveis com a preparação, como também aumentar o reconhecimento quanto ao valor dos serviços do psicólogo escolar.

Facilitação da prática da psicologia escolar nas instituições educacionais.

Como informamos previamente, os psicólogos escolares freqüentemente queixam-se de dificuldades com relação ao trabalho nas escolas. Isto não deveria ser motivo de surpresa. Na psicologia, a psicologia escolar é a única especialidade que trabalha, quase que exclusivamente, em uma instituição específica. A quantidade e a qualidade das pesquisas e das teorias relevantes para a melhoria prática da psicologia em instituições é pobre, se comparada com aquelas voltadas para a prática da psicologia através de abordagens independentes e didáticas. Considerando-se as grandes necessidades do Brasil com relação à melhoria da saúde mental e dos recursos educacionais, à luz de seus recursos financeiros limitados, poderiam ser mais utilizados os serviços psicológicos indiretos, por meio de instituições, do que a oferta de serviços psicológicos diretos, para indivíduos ou grupos pequenos. Os serviços que priorizam o ensino, a consultoria, o desenvolvimento organizacional, a administração e a supervisão dos serviços, o desenvolvimento e a avaliação de programas e, talvez, de modo mais importante, a prevenção, ao invés do diagnóstico e intervenção individual, são mais capazes de fornecer à psicologia as possibilidades de melhor atender às necessidades nacionais, dados os recursos disponíveis.

Uma associação profissional, dedicada à promoção e ao fornecimento de serviços de psicologia escolar pode atender estes pontos importantes, de várias maneiras. Mais pesquisas e artigos sobre as maneiras de melhorar a prática da psicologia, tanto

a escolar quanto outras áreas, são necessárias. Programas exemplares no Brasil podem ser alvo de publicidade. A associação poderia atuar no sentido de modificar os programas de psicologia escolar, afim de certificar que os estudantes vão estar preparados para fornecer serviços psicológicos compatíveis com as necessidades e os recursos nacionais. A associação deveria também trabalhar diligentemente para formar laços fortes com outras associações e organizações ligadas à educação, particularmente com aquelas que tenham controle político importante na educação. A aceitação e o valor dos serviços dos psicólogos escolares pelas instituições educacionais requer que a sua associação profissional demonstre aos elementos importantes no setor de educação que seus membros querem se tornar parte do time, dedicados aos objetivos institucionais relevantes para a educação e não meramente dirigidos para a promoção da disciplina da psicologia ou da sua aplicação.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou os primeiros passos da psicologia no Brasil e o início do desenvolvimento da psicologia escolar. Conquistas importantes, obtidas nos últimos 25 anos, formam a base para futuras realizações. O progresso nesta área requer alterações significativas em quatro aspectos: melhoria da ciência da psicologia, em termos nacionais; promoção do profissionalismo em psicologia escolar; leis federais que abriguem os serviços de psicologia escolar; e a conscientização da necessidade do psicólogo escolar trabalhar com os educadores como colegas, afim de que se possa resolver os problemas importantes da nação.

REFERÊNCIAS

- Azuma, A. (1984). Psychology in a non-Western country: Stages through which psychology develops. *International Journal of Psychology, 19*, 45-55.
- Biaggio, A. M. B. (1985). *Psicologia do Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- Biaggio, A. M. & Grinder, R. E. (no prelo). Contemporary psychology in Brazil. Em V. Sexton & J. Hogan (Orgs.). *Psychology around the world* (2nd. ed.). Lincoln: University of Nebraska.
- Oakland, T. (1986). Professionalism within school psychology. *Professional School Psychology, 1*, 9-27.
- Oakland, T. & Saigh, P. (1987). Psychological services in school: A summary of international perspectives. *Journal of School Psychology, 25*, 287-308.
- Oakland, T. & Wechsler, S. (1988). *Psychological research in Brazil: Implications for school psychology*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Psychological Association, Atlanta, GA.
- Oakland, T. & Wechsler, S. (1989). School psychology in South America: A 1989 perspective. *Interamerican Journal of Psychology, 22*, 41-57.
- Russel, R. (1984). Psychology in its world context. *American Psychologist, 39*, 1017-1025.
- Saigh, P. & Oakland, T. (1988). *International perspectives on psychology in the schools*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates.

Van Kolck, O. L. & Barros, C. G. (1985). School psychology in Brazil. *School Psychology International*, 6, 145-150.

Wechsler, S. & Gomes, D. C (1986). School psychology in Brazil. *Journal of School Psychology*, 24, 221-227.

Artigo recebido em 08/06/89.

